

FACULDADE EDUFOR – SÃO LUÍS
DIRETORIA GERAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

ANDERSON SILVA DE LIMA
YASMIN GABRIELLE MAGALHÃES FURTADO

AUTOMEDICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

São Luís

2022

ANDERSON SILVA DE LIMA
YASMIN GABRIELLE MAGALHÃES FURTADO

AUTOMEDICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Enfermagem, da Faculdade EDUFOR, como requisito para obtenção do grau de Enfermeiro.

Orientador: Prof. Me. Josafá Barbosa Marins

São Luís

2022

L732a Lima, Anderson Silva de

Automedicação durante a pandemia da covid-19 / Anderson Silva de Lima; Yasmin Gabrielle Magalhães Furtado — São Luís: Faculdade Edufor, 2022.

21 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (ENFERMAGEM) — Faculdade Edufor - São Luís, 2022.

Orientador(a) : Josafá Barbosa Marins

1. Automedicação. 2. Pandemia. 3. COVID-19. I. Título.

FACULDADE EDUFOR SÃO LUÍS

CDU 615.03:616-036.2

ANDERSON SILVA DE LIMA
YASMIN GABRIELLE MAGALHÃES FURTADO

AUTOMEDICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Enfermagem, da Faculdade EDUFOR, como requisito para obtenção do grau de Enfermeiro.

Aprovado em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Josafá Marins
Orientador
Faculdade EDUFOR

Mariane de Amarante Sousa
1º Examinador
Faculdade EDUFOR

Daniel Ruan Alves Reis
2º Examinador
Faculdade EDUFOR

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus que nos concedeu essa oportunidade de estar vivenciando todos esses momentos maravilhosos, por nos dar força e determinação para realizar nosso sonho e por sempre estar nos abençoando, e protegendo.

Eu, Anderson Silva de Lima, agradeço, em especial, a minha mãe, Maria da Conceição Sousa da Silva. Agradeço a mim mesmo, pelo meu esforço, dedicação e superação, pois estou vencendo meu cansaço diário em busca da realização dessa graduação.

Eu, Yasmin Gabrielle Magalhães Furtado, agradeço, em especial, a minha querida mãe, Iole Vieira Magalhães, que sempre me apoiou e me proporcionou essa incrível experiência. Agradeço também ao meu namorado, Vitor Licá Pires, por todo amor e incentivo.

Agradecemos imensamente ao nosso querido orientador, Professor Josafá Barbosa Marins, pela excelente orientação e por ser exemplo de profissional para nós durante nossa trajetória acadêmica.

AUTOMEDICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Anderson Silva de Lima¹

Yasmin Gabrielle Magalhães Furtado¹

Josafá Barbosa Marins²

RESUMO

A automedicação é considerada uma prática que representa um risco para a saúde, quando realizada sem uma adequada orientação ou acompanhamento por profissional da saúde. Estudos evidenciaram que a pandemia de COVID-19 intensificou essa prática. Para tanto, desenvolveu-se esta pesquisa com o objetivo de discutir sobre a automedicação no período da pandemia de COVID-19. Realizou-se uma Revisão Integrativa da Literatura (RIL), que resultou na seleção de 11 artigos científicos completos, publicados em português, recuperados nas bases de dados indexadas Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*, PubMed e Google Acadêmico no período de 2019 a 2022, com base na combinação dos descritores “automedicação”, “pandemia” e “COVID-19”. Os resultados da RIL deram ênfase na substância hidroxicloroquina (HCQ), que não possui comprovação científica sobre a prevenção e tratamento da doença, HCQ apresenta reações, adversas graves podendo, inclusive, levar a óbito. De maneira geral, os autores concordaram com os riscos da automedicação e alertaram para riscos de intoxicação, desenvolvimento de outras patologias e até mesmo dependência química. Fatores como o medo da contaminação pelo novo coronavírus, o isolamento social, as experiências anteriores e/ou receituários antigos, o desconhecimento científico sobre o tratamento e consequências da doença, e ainda o posicionamento do governo brasileiro a favor, implicaram na automedicação no contexto da pandemia de COVID-19. Os resultados encontrados refletem a percepção do profissional farmacêutico. Nesse sentido, ressaltou-se a importância do envolvimento do profissional de enfermagem na orientação sobre os cuidados e os riscos da automedicação e da produção científica sobre a percepção do profissional de enfermagem. Além disso, discutiu-se a importância da educação em saúde como estratégia de promoção da saúde e, conseqüentemente combate às *fake news*, valorização da ciência, do sistema de saúde e do profissional de enfermagem.

Descritores: Automedicação. Pandemia. COVID-19.

¹ Graduando em Enfermagem pela Faculdade EDUFOR – São Luís – MA.

² Mestre em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade EDUFOR – São Luís.

SELF-MEDICATION DURING THE COVID-19 PANDEMIC

ABSTRACT

Self-medication is considered a practice that represents a health risk when performed without proper guidance or monitoring by a health professional. Studies have shown that the pandemic of COVID-19 has intensified this practice. Therefore, this research was developed with the objective of to discuss self-medication in the period of the COVID-19 pandemic. An Integrative Literature Review (ILR) was carried out, which resulted in the selection of 11 complete scientific articles, published in Portuguese, retrieved from the indexed databases Virtual Health Library (VHL), Scientific Electronic Library Online (Scielo), PubMed and Google Academic in the period 2019 to 2022, based on the combination of the descriptors "self-medication", "pandemic" and "COVID-19". The results of the RIL emphasized the substance hydroxychloroquine (HCQ), which has no scientific proof on the prevention and treatment of the disease, HCQ presents serious adverse reactions and can even lead to death. In general, the authors agreed with the risks of self-medication and warned about the risks of intoxication, development of other pathologies, and even chemical dependence. Factors such as fear of contamination by the new coronavirus, social isolation, previous experiences and/or old prescriptions, lack of scientific knowledge about the treatment and consequences of the disease, and also the positioning of the Brazilian government in favor of self-medication in the context of the COVID-19 pandemic. The results found reflect the perception of the pharmaceutical professional. In this sense, it was highlighted the importance of the involvement of the nursing professional in the orientation about the care and risks of self-medication and the scientific production about the perception of the nursing professional. Moreover, it discussed the importance of health education as a strategy for health promotion and, consequently, for fighting fake news, valuing science, the health system, and the nursing professional.

Descriptors: Self-medication. Pandemic. COVID-19.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANVISA	- Agência Nacional de Vigilância Sanitária
BVS	- Biblioteca Virtual da Saúde
CFF	- Conselho Federal de Farmácia
HCQ	- Hidroxicloroquina
OMS	- Organização Mundial de Saúde
Scielo	- <i>Scientific Electronic Library Online</i>
SES-MA	- Secretaria de Estado da Saúde do Maranhão
SARS-CoV-2	- <i>Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus - 2</i>
UTI	- Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	MATERIAIS E MÉTODOS.....	11
3	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	12
3.1	Riscos à saúde ocasionados pelo uso indiscriminado de medicamentos na prevenção e tratamento de COVID-19.....	15
3.2	Percepção dos profissionais de saúde a respeito da automedicação.....	16
3.3	Fatores que implicaram na automedicação no período da pandemia de COVID-19.....	17
4	CONCLUSÕES.....	18
	REFERÊNCIAS.....	19

1 INTRODUÇÃO

A COVID-19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2 (*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus - 2*), o novo coronavírus, pertence à família de vírus *Coronaviridae* e causa infecções respiratórias (OMS, 2020). Foi descoberta, inicialmente como surto na China, em 31 de dezembro de 2019, após casos registrados em Wuhan (ZHU *et al.*, 2020).

No dia 11 de março de 2020, presente em 114 países com um total de 118 mil casos confirmados e 4.291 mortes, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou pandemia pela infecção por SARS-CoV-2 (OMS, 2020). E, devido ao desconhecimento de como lidar com o novo vírus e sobre sua transmissibilidade, a estratégia adotada na maioria dos países, e a indicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), foi o distanciamento social (MAGALHÃES; CARDOSO, 2020).

Considerando os números de confirmações no cenário mundial, Silva e Camillo (2022, p. 2) destacam que, “de janeiro de 2020 a abril de 2022, foram 509.195.070 novos casos COVID-19, sendo os Estados Unidos o país com maior número de casos (80.971.930), seguido da Índia (43.057.545), Brasil (30.345.654), França (28.298.764) e a Alemanha (24.180.512).”

Silva e Camillo (2022, p. 2) acrescentam que, “no Brasil, a primeira notificação de COVID-19 ocorreu no dia 26 de fevereiro de 2020, e até o dia 23 de abril de 2022, 30.345.654 casos e 662.610 óbitos decorrentes da doença foram notificados no território brasileiro”.

Em 31 de dezembro de 2020, o Boletim Epidemiológico COVID-19, publicado pela Secretaria de Estado da Saúde do Maranhão (SES-MA), informou 200.938 casos confirmados, 190.884 recuperados, 5.554 ativos (5.129 em isolamento domiciliar, 254 em internação enfermaria e 171 em internação em Unidade de Terapia Intensiva - UTI) e 4.500 óbitos até aquela data. Destes, 4.249 confirmados, 4.133 recuperados e 74 óbitos foram de profissionais da saúde (MARANHÃO, 2020).

Em 16 de setembro de 2022, o Boletim Epidemiológico da SES-MA constava 470.612 confirmados, 458.130 recuperados, 10.990 óbitos e apenas 1 internação enfermaria, sendo 5.505 profissionais de saúde confirmados, 5.397 recuperados e 89 óbitos (MARANHÃO, 2022).

Em 18 de setembro de 2022, o Vacinômetro COVID-19 do Ministério da Saúde informa o total de 481.735.040 doses aplicadas no Brasil, sendo 12.222.745 no

Maranhão. O painel geral Coronavírus, publicado pelo Ministério da Saúde informou 34.568.833 casos confirmados, 33.706.231 recuperados e 685.203 óbitos, no Brasil, desde o início da pandemia (BRASIL, 2022).

No início da pandemia de COVID-19 houve um movimento de compartilhamento de ideias sobre medicamentos de eficácia na prevenção e tratamento da doença (sem comprovação científica e por parte das autoridades sanitárias) e, para conscientizar a população sobre os riscos dessa prática, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA, 2021) emitiu alertas.

Em consonância, Pereira Neto *et al.* (2022) relataram que a pandemia de COVID-19 tem sido marcada pela alta circulação de *fake news* e isso requer um cuidado, atenção sobre a confiabilidade das informações, dentre elas a disseminação de vídeos e posts sobre medicamentos que poderiam contribuir com a prevenção da contaminação por Covid-19.

Melo *et al.* (2021) também evidenciaram uma mudança de comportamento da população brasileira durante a pandemia de COVID-19 sobre o padrão de consumo de medicamentos. Os autores relataram que estava no centro dessa questão o denominado “tratamento precoce” ou “kit-covid”: uma combinação de medicamentos sem evidências científicas conclusivas para o uso com essa finalidade, que inclui a hidroxicloroquina ou cloroquina, associada à azitromicina, à ivermectina e à nitazoxanida, além dos suplementos de zinco e das vitaminas C e D.

Considerando-se que a automedicação já é um hábito no Brasil, conforme dados do Conselho Federal de Farmácia (CFF), que indicam que, no ano de 2019, 77% dos brasileiros fizeram uso de medicações sem qualquer orientação médica, em tempos como de uma pandemia, o comportamento dos indivíduos em automedicar-se tem grande impacto nos processos epidemiológicos e na morbimortalidade da população. Nesse sentido, o CFF ressaltou a importância da busca por orientações confiáveis quanto ao uso de medicamentos, considerando as incertezas e falta de conhecimento científico, até então, em 2019 e 2020, sobre fármacos e terapias a serem usadas na prevenção ou controle da doença.

Xavier *et al.* (2021, p. 225), em uma revisão integrativa de literatura, entre 2015 e 2020, perceberam que “a prevalência de automedicação no Brasil caracteriza-se como um agravo de saúde pública e que as classes mais afetadas são pessoas mais jovens, e de alta escolaridade. Todavia políticas públicas veem contribuindo para

a diminuição dessa prática sobretudo em classes de maiores fatores de risco como os idosos.”

A ANVISA define automedicação como o uso de medicamento sem a prescrição, orientação e/ ou acompanhamento do médico ou dentista, e automedicação responsável como a prática pela qual os indivíduos tratam doenças, sinais e sintomas utilizando medicamentos aprovados para venda sem prescrição médica, sendo estes de eficácia e segurança comprovadas quando utilizados racionalmente, sendo considerada, nesse caso, uma prática de autocuidado. Ressalta, ainda, que “quando os medicamentos são usados de maneira incorreta ou consumidos sem critérios médicos, podem prejudicar sua saúde, causando desde uma intoxicação a problemas mais graves que podem, inclusive, levar à morte”. (ANVISA, 2021, p. 1).

Nesse aspecto, Oliveira *et al.* (2018) pontuaram que a automedicação exhibe potencial de risco nas interações medicamentosas, reações adversas, toxicidade, provocando um diagnóstico incorreto ou tardio, devido ao fármaco mascarar a patologia, resultando em uma resistência ao micro-organismo ou não resolução no quadro clínico dos pacientes.

Além da corrida na luta contra um inimigo invisível, a urgência no enfrentamento de uma pandemia em escala mundial demandou inúmeros desafios para a ciência, a área médica e governamental quanto à necessidade de celeridade na produção de conhecimento e decisões sobre medidas de prevenção e combate ao novo coronavírus. Ao mesmo tempo, aumentou a preocupação da população em geral com o cenário de incertezas e medo da contaminação (SILVA; BATISTA, 2020).

Considerando-se que o uso irracional de medicações pode acarretar diversas complicações e danos à saúde, faz-se necessário repensar estratégias de conscientização da sociedade sobre os riscos da automedicação, bem como um controle ou restrição sobre a venda ou distribuição de medicamentos sem receita médica, a fim de garantir maior segurança da população e o melhor uso dos fármacos.

Diante da percepção da problemática da automedicação no contexto da pandemia de COVID-19, chegou-se às seguintes indagações: Quais os riscos à saúde ocasionados pelo uso indiscriminado de medicamentos na prevenção e tratamento de COVID-19? Qual a percepção dos profissionais de enfermagem a respeito disso? Os profissionais de enfermagem fizeram uso desses medicamentos? O que levou as pessoas a recorrerem a essa prática?

Ressalta-se que o interesse pela temática se deu por presenciar casos de automedicação, mais acentuadamente, no início da pandemia de COVID-19, quando foram maiores as incertezas sobre o novo coronavírus, formas de prevenção, contágio e consequências da doença, e, enquanto profissional de saúde atuante na linha de frente, despertou preocupação em pesquisar e discutir mais a fundo essa problemática.

Portanto, justifica-se a importância desse estudo, de fins acadêmicos, enquanto instrumento para discussão acerca da automedicação no contexto da pandemia de COVID-19. Além disso, a pesquisa ampliou discussões sobre aspectos como condições de trabalho, qualificação e valorização do profissional de enfermagem, dentre outros.

Para tanto, propôs-se uma pesquisa com o objetivo de discutir sobre a automedicação no período da pandemia de COVID-19 e com os objetivos específicos de contextualizar a problemática da automedicação a partir de conceitos e características dessa prática; relacionar os riscos à saúde ocasionados pelo uso indiscriminado de medicamentos na prevenção e tratamento de COVID-19 e a percepção dos profissionais de enfermagem a respeito dessa prática; discutir os fatores que implicaram na automedicação no período da pandemia de COVID-19.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Quanto aos procedimentos, foi realizada uma Revisão Integrativa da Literatura (RIL), que, conforme Sousa *et al.* (2017, p. 17), “é um método de investigação que permite a síntese de conhecimentos e a incorporação dos resultados de estudos significativos na prática.” Em linhas gerais, esse método consiste em buscar estudos relevantes e diretamente relacionados sobre um determinado assunto, considerando espaço temporal, critérios e rigor previamente determinados, permitindo aprofundar os conhecimentos sobre a temática, além de propiciar novas discussões e investigações.

A revisão integrativa obedeceu a seis etapas ou fases, que, conforme Sousa *et al.* (2017), consiste na: 1) identificação do tema e questão de pesquisa – a automedicação no contexto da COVID-19; 2) determinação de critérios de inclusão e critérios de exclusão; 3) definição de informações a serem extraídas dos artigos recuperados – foi utilizado um quadro de variáveis de resultados; 4) avaliação dos

estudos incluídos na revisão; 5) interpretação e discussão dos resultados; e 6) apresentação da revisão: redação e escrita do presente artigo científico.

Realizou-se a busca de trabalhos publicados nas bases de dados indexadas Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), PubMed e Google Acadêmico no período de 2019 a 2022, com base na combinação dos seguintes descritores “automedicação”, “pandemia” e “COVID-19”.

Foram incluídos apenas artigos disponíveis na íntegra, publicados em português, no período de 2019 a 2022 que tratam de automedicação durante a pandemia de COVID-19. Foram excluídos trabalhos publicados em anos anteriores a 2019, trabalhos de conclusão de curso, trabalhos que estavam em outros idiomas, duplicatas e trabalhos com títulos e/ou resumos sobre automedicação que não versassem sobre os temas de maneira integrada e que não associam ao contexto da pandemia de COVID-19, portanto, irrelevantes para inclusão nesse trabalho;

Análise e discussão dos dados foi realizada a partir dos resultados obtidos e fazendo-se um paralelo com o conhecimento teórico, tomando-se considerações e outras discussões.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Abaixo é detalhado o quadro 1 com os 11 artigos selecionados no trabalho. Todos se caracterizam como trabalhos publicados em português, entre 2021 e 2022, e que discutem diversos aspectos da automedicação no contexto da pandemia da COVID-19.

No quadro é destacado o “título” do artigo selecionado, bem como, o(s) autor(es) e ano de sua produção. A fim de melhor sintetizar o conteúdo abordado por esses trabalhos, foram destacados o objetivo e os resultados obtidos em cada um deles.

Quadro 1 - Artigos científicos utilizados para a construção do corpus do estudo

	TÍTULO	AUTORES E ANO	OBJETIVO	RESULTADOS
A1	O impacto da prática da automedicação no Brasil: revisão Sistemática	Ferreira <i>et al.</i> (2021)	Verificar quais os medicamentos mais utilizados na automedicação e analisar	Os medicamentos analgésicos/antitérmicos representaram 50% do uso, seguido por 35% de anti-inflamatórios não

			quais os fatores que levam a automedicação	esteroidais, 4% antibacterianos de uso sistêmico e 4% dos medicamentos antigripais. Fatores da automedicação: receituários antigos, experiência anterior com o medicamento, venda realizada no balcão da farmácia, indicação da família, entre outras causas
A2	Impacto do surto de COVID-19 na notificação de reações adversas de medicamentos associados à automedicação	Gras <i>et al.</i> (2021)	Descrever as características das reações adversas de medicamentos (ADRs) ligadas à automedicação que foram notificadas ao Banco de Dados de Farmacovigilância francesa (FPVD) durante o surto de COVID-19 em 2020	Dos 3.114 ADRs notificados ao FPVD durante o período COVID-19 em 2020, 114 (3,7%) foram vinculados à automedicação. As três classes de ATC mais frequentemente suspeitas eram analgésicos, psicolepéticos e antibacterianos para uso sistêmico [...]
A3	Automedicação na pandemia do novo coronavírus	Silva, Jesus e Rodrigues (2021)	Expor sobre a utilização inadequada de medicamentos prescritos e isentos devido ao seu fácil acesso durante o isolamento social [...]	A Cloroquina/hidroxicloroquina, vitamina C, ivermectina, azitromicina, ibuprofeno e lopinavir-ritonavir são os medicamentos mais citados nos artigos científicos.
A4	Os riscos da automedicação por hidroxicloroquina frente a Pandemia de COVID-19	Santos <i>et al.</i> , (2021)	Descrever as reações e interações medicamentosas da HCQ, descrevendo os riscos inerentes a automedicação durante a pandemia, bem como discorrer sobre a atuação da mídia e das autoridades governamentais	Os resultados mostraram que a HCQ apresenta reações adversas graves podendo inclusive levar a óbito, além de não apresentar até este momento eficácia comprovada na cura da COVID-19.
A5	Ocorrência de automedicação na pandemia de COVID-19: revisão integrativa da literatura	Gomes, Silva e Batalha (2021)	Verificar a prevalência, riscos e fatores que levam a realização da automedicação, através de uma revisão integrativa de literatura	A população buscou a automedicação como um meio de solução rápida e fácil para a doença; Utilização da automedicação para finalidade preventiva, de forma equivocada, dada a falta de comprovação científica sobre tratamento e/ou prevenção da COVID-19. Risco de intoxicação.
A6	Perfil de uso de medicamentos e automedicação, em uma população	Andrade, Moreno, Lopes-Ortiz (2021)	Avaliar o perfil de uso de medicamentos, em uma população	84,75% dos acadêmicos afirmaram que realizam a automedicação, muitos informaram acreditar nos

	universitária, frente a pandemia da Covid-19		universitária, frente a Pandemia da Covid-19.	medicamentos e alguns fizeram uso
A7	Riscos da automedicação durante a pandemia COVID – 1	Silva <i>et al.</i> (2021)	Apresentar uma revisão sistemática de literatura sobre a prática da automedicação durante o período da pandemia da COVID-19	A prática da automedicação cresceu entre a população durante a pandemia como forma de prevenir do contágio do vírus ou curar a patologia.
A8	Riscos associados à automedicação e ao uso indiscriminado da ivermectina durante a pandemia de Sars-Cov-2	Silva e Nogueira (2022)	Avaliar a toxicidade do uso indiscriminado de Ivermectina, tendo em vista a automedicação e a irracionalidade com que foi consumida durante o período da pandemia de Covid-19	Dentre os riscos, o principal é o relativo ao sistema nervoso central. A sobredosagem pode ocasionar ademais, dentre as mais graves consequências: taquicardia, hipotensão, ataxia, agitação, rabdomiólise e até mesmo coma.
A9	Influência das mídias sociais na automedicação na pandemia da COVID-19	Silva Neto <i>et al.</i> (2022)	Apresentar a influência das mídias sociais frente a automedicação durante a pandemia da COVID-19	A partir dos meios digitais, a população obtém conhecimento acerca de terapias, favorecendo a automedicação.
A10	Impacto da pandemia da Covid-19 nas práticas de automedicação: um estudo descritivo com professores da rede pública de Pernambuco	Alves <i>et al.</i> (2022)	Investigar as práticas de automedicação durante a pandemia da Covid-19 entre professores da rede pública de ensino de uma cidade da região metropolitana de Recife-PE [...]	Os principais motivos destacados foram: dores, no geral, e gripe ou alergias. Mais de 65% referiram que as informações transmitidas pela mídia, contribuíram para o uso de medicamentos. Dentre os medicamentos, a azitromicina se destacou em relação a automedicação
A11	Acesso da população a medicamentos durante a pandemia do novo coronavírus	Lacerda, Barbosa e Dourado (2022)	Avaliar o acesso da população a medicamentos na pandemia e o uso das "promessas terapêuticas" Cloroquina, Hidroxicloroquina e Ivermectina para prevenção e tratamento da COVID-19.	Acesso a medicamentos na pandemia, 55,2% do total da amostra relatou não ter sido afetado, e 29% disseram ter tido o acesso afetado de alguma forma. Em relação ao uso das "promessas terapêuticas", 61% dos respondentes disse não ter feito uso com finalidade de prevenção, e sim para tratamento, já 52,6% da população do estudo disse que não fez uso de jeito nenhum, e 46,2% relatou que fez uso dos medicamentos mencionados para tratar a COVID-19.

Fonte: Resultados da pesquisa (2022).

3.1 Riscos à saúde ocasionados pelo uso indiscriminado de medicamentos na prevenção e tratamento de COVID-19

De forma geral, os artigos selecionados abordaram os riscos da automedicação na prevenção e tratamento da COVID-19, com ênfase na substância hidroxicloroquina (HCQ), que não possui comprovação científica sobre a prevenção e tratamento da doença, conforme Santos *et al.* (2021) e Silva, Jesus e Rodrigues (2021), que ainda alertam que a HCQ apresenta reações adversas graves podendo, inclusive, levar a óbito.

Gomes, Silva e Batalha (2021) observaram que a automedicação foi responsável por agravamento de problemas de saúde, efeitos adversos, interações medicamentosas, intoxicação e ainda a possibilidade de dificultar o diagnóstico de outras doenças.

Para tanto, os autores sugerem o desenvolvimento de estudos mais específicos sobre a automedicação e seus “riscos voltados para grupos especiais, como idosos, crianças, pessoas em situações de obesidade, cardiopatas, hipertensos, diabéticos e pessoas com algum tipo de câncer.” (GOMES; SILVA, BATALHA, 2021, p. 8)

Do mesmo modo, o estudo de Silva *et al.* (2021) corrobora com outros autores quando discute sobre a automedicação e aponta os riscos de desenvolver outras patologias e até mesmo dependência química. Os autores reforçam a necessidade da orientação correta sobre o autocuidado, sobretudo em período de isolamento social, compartilhamento e *fake news*, ausência de consulta clínica e decisões como auto dosagem medicamentosa, na tentativa desesperada de se prevenir da doença, aumentar a imunidade ou curar sintomas.

Silva e Nogueira (2022, p. 43772) discutem sobre a toxicidade da ivermectina e relacionam a “sintomas gastrointestinais, hiper salivação, sonolência, fraqueza muscular, taquicardia, hipotensão, ataxia, agitação, rabdomiólise e coma, além de outros sintomas associados como diarreia, náusea, tontura, vertigem, tremor, sonolência, pruridos, erupções cutâneas e urticária.”

No entanto, os autores chamam a atenção para o fato de o principal risco estar relacionado ao sistema nervoso central. “A sobredosagem pode ocasionar, dentre as mais graves consequências, taquicardia, hipotensão, ataxia, agitação, rabdomiólise e até mesmo coma.” (SILVA; NOGUEIRA, 2022, p. 43761).

Em síntese, compreende-se o potencial risco da automedicação para a saúde do ser humano. Para os profissionais de enfermagem, representa um risco, considerando-se disponibilidade de acesso aos fármacos. Nesse sentido, tem-se a educação em saúde como forte aliada na promoção de ações de conscientização para melhor uso de medicamentos a partir de uma adequada dispensação, minimizando, assim a repercussão de práticas resultantes da desinformação e pânico instalado na pandemia de COVID-19.

3.2 Percepção dos profissionais de enfermagem a respeito da automedicação

Os artigos selecionados trazem a percepção do profissional de farmácia sobre o uso de fármacos na pandemia de COVID-19. No entanto, considera-se de suma importância o envolvimento do profissional de enfermagem e da equipe multidisciplinar na orientação do paciente sobre o uso racional de medicamentos e na discussão dessa temática.

Andrade, Moreno e Lopes-Ortiz (2021, p. 73772), avaliaram, sob a percepção do farmacêutico, a automedicação a partir de uma população universitária, onde, “84,75% afirmaram que realizam a automedicação e muitos informaram acreditar nos medicamentos sem eficácia comprovada, inclusive alguns fizeram uso, que estão sendo divulgados pela mídia e pelo meio político.”

O estudo de Alves *et al.* (2022, p. 1) investigou a prática de automedicação por professores da rede pública de Recife, onde “mais de 65% referiram que as informações transmitidas pela mídia, contribuíram para o uso de medicamentos.” Nesse sentido, observa-se a influência dos meios de comunicação e a problemática do compartilhamento de informações sem validação científica, sobretudo no meio da categoria, no caso, professor. Os autores ressaltam a importância da valorização da saúde dos professores, que, enquanto agentes de transformação, podem ter suas atitudes tomadas como exemplo e a prática da automedicação pode representar uma influência negativa.

A ivermectina, bastante utilizada no tratamento de infecções parasitárias, foi defendida, em oposição e negação à ciência, por líderes mundiais e grupos políticos, no tratamento da COVID-19. No entanto, os autores foram unânimes em concordar com os riscos do uso irracional de medicamentos, considerando-se a ausência de comprovação científica sobre a eficácia do fármaco no combate ao coronavírus.

Para tanto, ressalta-se a importância de uma maior fiscalização dos órgãos competentes à dispensação de medicamentos, bem como a necessidade do fortalecimento da telemedicina e da educação em saúde, para uma maior disseminação da informação e confiabilidade na ciência e no sistema de saúde.

Nesse sentido, o profissional de enfermagem, bem como a equipe multiprofissional, tem o papel importante na orientação para um adequado autocuidado, além da promoção da educação em saúde, alertando para os riscos e consequências da automedicação.

3.3 Fatores que implicaram na automedicação no período da pandemia de COVID-19

O estudo de Ferreira *et al.* (2021) revelou que “receituários antigos representam 13% das compras dos medicamentos, seguida por experiência anterior com o medicamento 12%, venda realizada no balcão da farmácia 12%, indicação da família 10% e entre outras causas.”

Paralelo a isso, Gomes, Silva e Batalha (2021), Gras *et al.* (2021), bem como Lacerda, Barbosa e Dourado (2022), referiram a automedicação a partir de uma promessa terapêutica ou meio de solução rápida e fácil para a doença com a finalidade, equivocadamente, preventiva para a COVID-19, corroborando com o estudo de Silva *et al.* (2021) que observou a redução da busca pelo atendimento hospitalar e o crescimento da prática da automedicação como forma de tratar ou aliviar os sintomas da doença ou que se assemelham a COVID-19.

A maioria dos artigos selecionados nesse trabalho não faz referência ao posicionamento do governo brasileiro sobre o uso de medicamentos sem comprovação científica no combate a COVID-19, mas ressalta que houve o estímulo à população adotar as orientações da OMS e dos órgãos competentes em vigilância em saúde e, nesse caso, da ANVISA, que emitiu alertas sobre o risco da automedicação irresponsável.

Já o estudo de Santos *et al.* (2021), que discutiu sobre a atuação da mídia e das autoridades governamentais sobre a automedicação na pandemia de COVID-19, enfatizou o posicionamento do presidente do Brasil defendeu o uso da hidroxicloroquina, informando, inclusive a ausência de efeitos colaterais, o que gerou uma enorme polêmica e entusiasmo por parte de apoiadores e uma parcela da

população que efetuou a compra do medicamento, chegando a faltar o produto nas farmácias para aqueles que tratavam outras doenças com o antiparasitário.

Considerando-se o momento de temor em relação a doença e de sucessivas determinações e/ou recomendações de isolamento social, os estudos de Andrade, Moreno e Lopes-Ortiz (2021), Alves *et al.* (2022), Silva Neto *et al.* (2022) demonstraram também que muitas pessoas foram influenciadas pelas informações veiculadas nas mídias, o que fez confiarem em benefícios de medicamentos antiparasitários na prevenção e tratamento do coronavírus.

4 CONCLUSÕES

A automedicação, realizada sem orientação de um profissional de saúde, representa um risco para a saúde, uma vez que pode ocasionar efeitos adversos. No entanto, essa prática foi bastante evidente no início e nos momentos mais críticos da pandemia de COVID-19.

No início da pandemia de COVID-19, fatores como o medo da contaminação pelo novo coronavírus, o isolamento social, as experiências anteriores e/ou receituários antigos, o desconhecimento científico sobre o tratamento e consequências da doença, e ainda o posicionamento do governo brasileiro a favor, deu espaço para o surgimento e compartilhamento de *fake news* sobre um “tratamento precoce” para a doença.

Tratava-se de uma combinação de medicamentos, sem evidências científicas conclusivas para o uso com essa finalidade, que incluía a hidroxicloroquina ou cloroquina, associada à azitromicina, à ivermectina e à nitazoxanida, além dos suplementos de zinco e das vitaminas C e D.

Os resultados dessa revisão integrativa da literatura apontam que os riscos da automedicação por esses fármacos, na intencionalidade de prevenção ou tratamento da COVID-19, vão desde intoxicação, agravamento ou desenvolvimento de outras patologias, riscos ao sistema nervoso, até reações adversas graves podendo, inclusive, levar a óbito.

De maneira geral, os artigos selecionados trazem a percepção do profissional de farmácia sobre o uso de fármacos na pandemia de COVID-19, sendo unânimes em concordar com os riscos sobre esse hábito. Frente a isso, enfatiza-se a importância do envolvimento do profissional de enfermagem e da equipe

multidisciplinar na orientação do paciente para um adequado autocuidado, além da promoção da educação em saúde, alertando para os riscos e consequências da automedicação.

Em outros aspectos, sobre o negacionismo científico, ou seja, as crenças pessoais educação em saúde, tem-se o grande desafio da necessidade de disseminação da informação e confiabilidade na ciência e no sistema de saúde. Para tanto, as mídias sociais e o governo, enquanto ferramentas de informação, poder e influência, podem contribuir positivamente no enfrentamento da desinformação e de práticas prejudiciais à saúde, como a automedicação irresponsável.

Reconhece-se as limitações da pesquisa, uma vez que não encontrou resultados na perspectiva do profissional de enfermagem. Portanto, sugere-se sua continuidade, no sentido de ampliar as possibilidades de discussões sobre a temática, bem como proporcionar um maior envolvimento do profissional de enfermagem no enfrentamento da problemática de automedicação.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA). **Consulta Pública nº 95, de 19 de novembro de 2001**. Disponível em: <http://www4.anvisa.gov.br/base/visadoc/CP/CP%5B2735-1-0%5D.PDF>. Acesso em: 10 maio 2022.

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA). **Uso racional de medicamentos: um alerta à população**. [Publicado em: 05 maio 2020]. Disponível em: encurtador.com.br/gjDI1. Acesso em: 11 maio 2022.

ALVES, Deisielly Keila Barboza et al. Impacto da pandemia da Covid-19 nas práticas de automedicação: um estudo descritivo com professores da rede pública de Pernambuco. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, Ouro Fino, MG, v. 15, n. 8, p. 1-8, 2022.

ANDRADE, Eder Aleksandro; MORENO, Vanessa Generale; LOPES-ORTIZ, Mariana Aparecida. Perfil de uso de medicamentos e automedicação, em uma população universitária, frente a pandemia da Covid-19. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 7, p. 73772-84, 2021.

BRASIL. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Quase metade dos brasileiros que usaram medicamentos nos últimos seis meses se automedicou até uma vez por mês. [Publicado em: 2019]. Disponível em: <<https://sinitox.iciict.fiocruz.br/quase-metade-dos-brasileiros-que-usarammedicamento-s-nos-%C3%BAltimos-seis-meses-se-automedicou-at%C3%A9-uma>>. Acesso em 10

set. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Geral COVID-19, de 18 setembro de 2022**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 18 set. 2022.

FERREIRA, Francisca das Chagas G.; LUNA, Graziela Gomes de; IZEL, Isabel Cristina M. O impacto da prática da automedicação no Brasil: revisão sistemática. **Brazilian Applied Science Review**, Curitiba, v. 5, n. 3, p. 1505-18, 2021.

GOMES, Jhemerson da Costa; SILVA, Joyce Caroline Araujo da; BATALHA, Sara Suely Alves. Ocorrência de automedicação na pandemia da COVID-19: uma revisão integrativa da literatura. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, p. 1-10, 2021

GRÁS, Marion *et al.* Impacto do surto de COVID-19 na notificação de reações adversas a medicamentos associadas à automedicação. **Anais Farmacêuticos Franceses**, v. 79, ed. 5, p. 522-9, 2021.

LACERDA, Maria Gabriela da Costa; BARBOSA, Amália Roberta de Moraes; DOURADO, Carla Solange de Melo Escórcio. Acesso da população a medicamentos durante a pandemia do novo coronavírus. **Revista Ciência Plural**, Natal, v. 8, n. 1, p. 1-13, 2022.

MAGALHÃES, Graziella; CARDOSO, Leonardo Chaves Borges. Efeitos econômicos e distributivos da pandemia de coronavírus no Brasil. **Revista de Economia e Agronegócio – REA**, v. 18, n. 1, p. 1-12, 2020.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Saúde do Maranhão (SES-MA). **Boletim Epidemiológico COVID-19, de 31 de dezembro de 2020**. Disponível em: <https://www.saude.ma.gov.br/wp-content/uploads/2020/12/BOLETIM-31-12.pdf>. Acesso em: 16 set. 2022.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Saúde do Maranhão (SES-MA). **Boletim Epidemiológico COVID-19, de 16 de setembro de 2022**. Disponível em: <https://www.saude.ma.gov.br/wp-content/uploads/2022/09/BOLETIM-16.09.2022.pdf>. Acesso em: 16 set. 2022.

MELO, José Romário Rabelo *et al.* Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 4, p. 1-5, 2021.

OLIVEIRA, S. B. et al. Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência. **Einstein**, São Paulo, v. 16, n. 4, eAO4372, 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Coronavirus disease (COVID-19) pandemic**. [S.I.]: OMS, 2020.

PEREIRA NETO, André *et al.* Avaliação da qualidade da informação de sites sobre Covid-19: uma alternativa de combate às fake news. **Saúde Debate**, v. 46, n. 132, p. 30-46, 2022.

SILVA, Jéssica Pacheco da; BATISTA, Larissa de Oliveira de. Impactos da automedicação em tempos de pandemia COVID-19. **Interfaces da Covid-19**, 2020. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/7823/1/Impactos%20da%20automedica%20a7%20em%20tempos%20de%20pandemia%20COVID-19.pdf>
Acesso em: 07 jul. 2022.

SILVA, Alcía de Freitas; JESUS, Jefferson Silva Pinho de; RODRIGUES, Juliana Lima Gomes. **Revista Ibero-americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 938-47, 2021.

SILVA, Alex dos Santos; NOGUEIRA, Eduardo Abdias Cardoso. Riscos associados à automedicação e ao uso indiscriminado da ivermectina durante a pandemia de Sars-Cov-2. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 8, n. 6, p. 43760-75, 2022.

SILVA NETO, Irineu Ferreira da Silva *et al.* Influência das mídias sociais na automedicação na pandemia da COVID-19. **Revista de Saúde Coletiva da UEFS**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 108, 2022.

SILVA, Cintya Rocha da *et al.* Riscos da automedicação durante a pandemia COVID – 19. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 2, n. 11, p. 1-13, 2021.

SANTOS, Janice Rodrigues Machado dos *et al.* Os riscos da automedicação por hidroxiquina frente a Pandemia de COVID-19. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.3, p. 11185-204, 2021.

SOUSA, Luís Manuel Mota de *et al.* A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. **Revista Investigação em Enfermagem**, p. 17-26, nov. 2017.

XAVIER, Mateus Silva *et al.* Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 225-40, 2021.

ZHU, N. *et al.* A novel coronavirus from patients with pneumonia in China, 2019. **New England Journal of Medicine**, v. 382, n. 8, p. 727-33, 2020.